

ARTE, HISTÓRIA, TURISMO E LAZER NOS CEMITÉRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO¹

Recebido em: 23/03/2007

Aceito em: 03/04/2007

*Samira Adel Osman*²
SENAC

*Olívia Cristina Ferreira Ribeiro*³
Universidade São Judas Tadeu

RESUMO: A proposta deste artigo foi abordar a exploração turística e de lazer dos cemitérios tradicionais de São Paulo (Consolação, do Araçá e São Paulo) a partir de seu potencial histórico e artístico, pois o acervo aí reunido faz com que estes locais possam ser considerados como verdadeiros museus a céu-aberto. A partir das experiências que ocorrem no mundo, sobretudo na França, analisamos a utilização turística dos cemitérios no Brasil e em São Paulo, em relação ao que ainda pode ser feito para potencializar essa utilização como lazer aos habitantes e como inclusão nos roteiros turísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitérios. Lazer. Turismo Cultural.

ART, HISTORY, TOURISM AND LEISURE AT SAO PAULO'S CEMETARIES

ABSTRACT: The proposal of this article was to approach the tourist and the leisure exploration of the traditional cemeteries of São Paulo City (Consolação, Araçá and São Paulo) from its historical and artistic potential, as the quantity congregated there makes these places to be considered as true museums at sky-open one. From the experiences that occur in the world, over all in France, we analyze the tourist use of the cemeteries in Brazil and in São Paulo, in relation what still can be done to be more potential this use as leisure to the inhabitants and as inclusion at the tourist scripts.

KEYWORDS: Cemeteries, Leisure, Cultural Tourism.

Nada mais polêmico, no imaginário popular, de que vem carregada a palavra cemitério. A associação é óbvia: tristeza, desolação, angústia, perda, local de reverenciamento

¹ Trabalho apresentado no Turiciência, Primer Congresso de Ciências Aplicadas al Turismo, Buenos Aires, Argentina, setembro, 2006.

² Docente do Centro Universitário Senac nas áreas de Turismo, Hotelaria e Gastronomia. Doutora em História Social pela USP.

³ Docente da Universidade São Judas Tadeu no curso de Turismo. Especialista e mestre em Lazer pela UNICAMP.

a entes queridos, lugar aonde se vai “uma vez na vida e outra na morte”. Ou ainda, a imagem é ainda mais negativa relacionada a adjetivos como medo, pavor, morbidez, lugubridade, para não citar a ligação ao movimento gótico ou mesmo a rituais macabros.

Essa concepção é alimentada tanto por esse imaginário popular, quanto pela imortalização de uma imagem negativa criada e reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero filmes de terror⁴, nos quais os cemitérios são cenários favoritos para assustadores enredos de almas penadas ou de acontecimentos inexplicáveis, que estão “além da imaginação”. Nossa literatura⁵ também é pródiga em criar esse tipo de enredo: só para citar os mais celebrados temos Carlos Drummond de Andrade com seu conto “Flor, Telefone e Moça” (DRUMMOND, 2001) e ainda Lygia Fagundes Telles com seu não menos prestimoso conto “Venha ver o pôr-do-sol” (TELLES, 1998).

Mesmo para aqueles que temem esses espaços, não há como não reconhecer que existe certo fascínio ligado aos cemitérios, seja ele despertado pelo medo seja pela admiração. Com certeza, o local desperta todos esses sentimentos díspares e paradoxais citados acima e muito mais. Mas não é só isso. Vencendo temores, tabus e preconceitos, podemos descobrir que além muros dos chamados campos-santos há um mundo de descobertas a serem feitas.

Se pudermos dissociar essa idéia de negatividade dos cemitérios, é possível descobrir que outra associação pode ser feita, esta sim com uma carga bastante positiva: um local para admirar obras de arte, conhecer a história, descobrir curiosidades e, por que não, contemplar a beleza de jardins, ruas, alamedas e os mais diferentes jazigos por puro lazer. Longe de mórbidos e lúgubres, esses locais podem ser uma agradável alternativa para visitação, j a que reúnem no espaço intramuros ilustres personalidades, preciosidades arquitetônicas, obras de

⁴ Os filmes sobre o clássico Drácula passam-se, geralmente, nesse local.

⁵ Na literatura latino-americana, destaca-se a obra de Gabriel García Márquez intitulada *Do amor e outros demônios* cujo mote para o enredo é a exuma o da cripta de um mosteiro desativado.

arte, história e histórias, curiosidades, revelando que não só são partes das cidades nas quais se inserem como podem ser lidos como seu microcosmo: uma cidade dentro da cidade.

Em certas partes do mundo, sobretudo na européia, já existe uma tradição consolidada de visita aos cemitérios feita tanto pelos habitantes locais como por turistas desejosos de ir além do que é usual em qualquer roteiro cultural, que incluem visitas a museus, teatros, exposições etc.

Como ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo, os cemitérios atraem romarias de visitantes interessados em conhecer túmulos de personalidades mundiais da literatura, das artes, da política, da história como também para apreciar túmulos e jazigos que podem ser vistos como verdadeiras obras de arte. Além de sua importância histórica, os cemitérios são ainda vistos como locais por onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e tranquilidade como numa ilha no meio do caos urbano das grandes cidades. Desta forma, os cemitérios podem ser considerados equipamentos não-específicos de lazer na classificação de Requixa (1980) e Camargo (1992). Estes autores denominam assim as instalações que são construídas com outras funções que não a de lazer, mas que podem e “devem” serem aproveitados no tempo livre. Eles podem ser visitados nos tempos livres das pessoas, por prazer, onde podem ser vivenciados alguns valores do lazer como o relaxamento e o desenvolvimento. Nos cemitérios o lazer cultural ou artístico - em que se busca o contato com a beleza - pode ser vivenciado na contemplação das obras de arte dos túmulos e igrejas.

Talvez o melhor exemplo para essa imagem positiva associada aos cemitérios e sua inclusão como equipamentos não-específicos de lazer e como roteiros turísticos seja a cidade de Paris, que reúne em seu perímetro os três mais famosos cemitérios do país e do mundo: Père-Lachaise, Montparnasse e Montmartre.

Desses três, o Père-Lachaise é, certamente, o exemplo mais emblemático dessa concepção de cemitérios como um local de lazer e de turismo: por ali transitam diariamente uma grande diversidade de pessoas aproveitando-se das sombras e da beleza de mais de seis mil árvores: mães com bebês, animados estudantes, casais de namorados, aposentados e, claro, turistas e mais turistas, interessados em conhecer as sepulturas de seus ídolos, em prestar homenagens aos ilustres moradores, ou apreciar algumas esculturas de artistas não menos renomados, como Rodin e Brancusi, que se destacam em um ou outro túmulo dos 110 mil espalhados em seus 44 hectares de área.

Criado por Napoleão Bonaparte em 1803 e imortalizado pelo escritor Honoré de Balzac, que enterrava todos os personagens que morriam em suas obras no Père-Lachaise, é neste local que estão sepultadas mais de cinquenta celebridades mundiais, não ficcionais. A lista é grande e variada: os restos mortais do eterno casal **Abelardo e Heloísa** do século XII e os escritores **La Fontaine e Molière** do século XVII, foram para lá transferidos a revelia, numa tentativa de dar prestígio ao local visto com certa desconfiança, e dividem a vizinhança com famosos de outros séculos e por variados motivos.

Allan Kardec (1804-1869), criador do Espiritismo é o túmulo mais visitado, sobretudo pelos adeptos brasileiros, mas totalmente desconhecido entre seus compatriotas; **Jim Morrison** (1943-1971), vocalista da banda The Doors, é cultuado pelos seus fãs, que lhe prestam homenagem em animadas festas, causadoras de muitas polêmicas na cidade, e divide o mesmo espaço com outros nomes ligados à música como **Frédéric Chopin** (1810-1849), **Maria Callas** (1923-1977) e **Edith Piaf** (1915-1963); no mundo da dança destaca-se **Isadora Duncan** (1878-1927); na literatura o próprio **Balzac** (1799-1850), **Oscar Wilde** (1854-1900), **Victor Hugo** (1802-1885), **Gertrude Stein** (1874-1946) e **Marcel Proust** (1871-1922); atores e atrizes como **Sarah Bernhardt** (1844-1923) e o casal **Yves Montand** (1921-1991) e

Simone Signoret (1921-1985); e tantos outros como **Auguste Comte** (criador do positivismo) e **Hahnemann** (criador da homeopatia).

O Cemitério de Montparnasse, criado em 1824, e o Monmartre, criado em 1825, ambos com aproximadamente dezenove mil metros quadrados, abrigam em seu espaço pessoas ilustres não menos famosas. No primeiro encontram-se sepultados os escritores **Charles Baudelaire** (1821-1867) e **Guy de Maupassant** (1850-1893); o polêmico casal do Existencialismo **Jean Paul Sartre** (1905-1980) e **Simone de Beauvoir** (1908-1986); o teatrólogo **Samuel Beckett** (1906-1989) e o cineasta **François Truffaut** (1932-1984). No segundo destacam-se os escritores **Henri Stendhal** (1773-1824) e **Émile Zola** (1840-1902) além do impressionista **Edgard Degas** (1834-1917).

O interesse pela visitação a mortos ilustres é recorrente em quase todos os cemitérios do mundo. É o caso do Highgate, em Londres, criado em 1838, que recebe em torno de oitenta mil visitantes, e no qual se encontram os túmulos do filósofo **Karl Marx** (1818-1883) e dos escritores **Gabrielle Rossetti** (1828-1884) e **Herbert Spencer** (1820-1903); o Novodevichy, em Moscou, onde se encontram o escritor **Nikolay Gogol** (1809-1852), o dramaturgo **Anton Tchekhov** (1860-1904), o poeta **Vladimir Maiakovski** (1893-1930); o Arlington, nas proximidades de Washington, onde repousam o casal mais querido dos Estados Unidos, **John Fitzgerald Kennedy** (1917-1963) e **Jacqueline Kennedy Onassis**, e diversos túmulos em homenagem às participações do país das guerras mundiais e ainda nas Guerras da Coreia e do Vietnã; em Buenos Aires destacam-se o Recoleta (de 1822), onde repousa **Evita Perón** (1919-1952) e o da Chacarita (de 1870), onde se encontram os restos mortais de **Juan Domingos Perón** (1895-1974) e de **Carlos Gardel** (1890-1935).

Muitos outros cemitérios recebem visitantes interessados não só em seu valor histórico como também pela sua importância artística⁶, ao reunir entre seus muros mortos ilustres que pretendiam perpetuar sua existência além morte e que usaram a arte para esse fim. Chamam à atenção dos visitantes as esculturas espalhadas por alamedas e jazigos, os bem cuidados jardins, os suntuosos portões e os imponentes túmulos. É o caso do West Norwood em Londres (de 1837), com sessenta e quatro monumentos arquitetônicos; do Cemitério Monumental em Milão (de 1866) e do Staglieno (de 1872) em Gênova; do Mount Auburn em Massachussets; do Colón em Havana (de 1871); entre outros.

Não seria exagero então verificar que esses locais recebem um grande número de visitantes; só o Père-Lachaise registra anualmente três milhões⁷. Se comparados a outros locais turísticos parisienses, como o Museu do Louvre e a Torre Eiffel que recebem cinco milhões de visitantes, o Père-Lachaise iguala-se a eles em importância e até supera muitos outros atrativos turísticos da capital.

Essa inclusão dos cemitérios em roteiros turísticos da cidade leva também a uma necessidade de organização. No Recoleta há visitas guiadas no último domingo do mês, além de placas de identificação e localização das personalidades ali sepultadas; no Cólón cobra-se U\$1,00 para a entrada e os pacotes turísticos incluem-no na visitação; no Arlington ocorre o mesmo para aqueles que se dirigem a Washington.

⁶ Além de espaço para contemplação das artes, das celebridades, da história e do lazer, há um outro campo que pode ser explorado nos cemitérios: as crenças e o culto popular de devoção a determinados indivíduos apontados como “milagreiros”, que atraem milhares de devotos. No Cemitério da Consolação destaca-se o menino Antoninho da Rocha Marmo; no Cemitério Colón de Havana “La Milagrosa”. Lendas e fatos inusitados também despertam a curiosidade dos visitantes: a de que Cleópatra estaria enterrada anonimamente no Père-Lachaise após ter sido trazida do Egito por Napoleão; a de Elizabeth Seddal, no Highgate, que ao ser exumada tinha seus cabelos crescidos e um sorriso nos lábios; a do coveiro da Recoleta que, tendo concluído a construção de sua própria sepultura, se suicidou para ocupar logo o lugar; entre tantas outras que alimentam um rico imaginário popular.

⁷ Dados obtidos em guias turísticos e sites oficiais do governo francês.

Na França, os cemitérios contam com guias de turismo⁸ especializados, muitas vezes bilíngües, que conduzem os visitantes aos jazigos de importância histórica e artística, em determinados dias da semana e com hora marcada. Existem também indicações da localização de túmulos dos sepultados mais famosos, além de um mural logo na entrada no qual consta uma lista de personalidades ali inumadas. Além disso, o turista pode contar com mapas comprados em qualquer estabelecimento comercial dos arredores, e guias turísticos⁹, gerais e especializados, que trazem as mais diferentes informações: de localização de túmulos a opções de roteiros e dados históricos das personalidades visitadas.

Ao contrário da tradição européia e de outros países do mundo que consideram a exploração turística de seus cemitérios, no Brasil pouca atenção tem se dado ao tema, embora a riqueza e a história de nossos cemitérios façam jus a um interesse maior. O Cemitério da Consolação, em São Paulo, e o Cemitério São João Baptista no Rio de Janeiro, só para citar as mais antigas necrópoles públicas do Brasil, escondem entre seus muros mortos ilustres que fazem parte da história do país.

No caso de nossa cidade, é importante destacar que São Paulo não deposita suas obras de arte e não conta sua história apenas em espaços consagrados, como já o são os museus, de história ou de arte. Verdadeiros locais de exposição de obras de arte a céu aberto, os cemitérios em nada perdem em valor e importância no registro da história da cidade, podendo ser considerado como um autêntico lugar da memória (NORA, 1993).

O cemitério, nessa concepção, representa um resumo simbólico da sociedade no qual está inserido, pois é nele que se pretende perpetuar o status e o estilo de vida das diferentes camadas da sociedade, mesmo depois da morte. Nesse cenário burguês da necessidade de afirmação e imortalização da posição social adquirida em vida, é que os cemitérios assumem

⁸ Esses serviços não são gratuitos. Custam de U\$ 3,50 a U\$ 5,00 por pessoa.

⁹ A editora francesa Hachette é especializada em publicações sobre cemitérios. O Guia Bleu é um bom exemplo desse tipo de publicação.

papel fundamental na perpetuação da memória, abrigando desde simples sepulturas individualizadas e jazigos de família a suntuosos monumentos mortuários.

Para Áries (1977, p. 37), essa atitude social traduz a “vontade de individualizar o lugar da sepultura e de perpetuar neste local a lembrança do defunto...” com a preocupação “em sair do anonimato e em conservar sua identidade após a morte.”

Essa preocupação, no entanto, não se dá apenas na esfera de preservar o culto familiar aos mortos, mas representa a intenção de ser uma continuação da vida em sociedade, estendendo o culto do privado ao público. A forma de lidar com a morte e com os mortos deve ser analisada dentro de um contexto histórico e antropológico ainda mais amplo.

A associação entre morte e perpetuação da memória, a verificação das práticas religiosas, os estilos artísticos como reflexo cultural, a mentalidade e os costumes de uma sociedade estão espelhados nesse espaço que reúne um rico repertório cultural da cidade. No cemitério a história da cidade e de seus habitantes se eterniza, entre jazigos de mármore e granito, nas esculturas sacras e profanas, nos bustos e nos retratos, nas sensíveis epígrafes, na busca de uma graça ou de um milagre.

O cemitério da Consolação (de 1858), o do Araçá (de 1887), e o São Paulo (de 1930) criados por meio de decretos municipais, refletem toda essa vinculação com a história da cidade, com o Estado de São Paulo e mesmo com o país. As iniciativas para a criação de cemitérios secularizados a céu aberto foram decorrentes das práticas sanitárias vigentes à época, que condenavam a tradição medieval (transportada para cá no período colonial) de sepultamento dentro das Igrejas e a ligaram com a proliferação de diversos tipos de doenças.

Imposta como prática, a inumação nos cemitérios a céu aberto, desvinculados de qualquer controle da Igreja Católica, levou à secularização dos chamados campos-santos. Fora da Igreja, cuja vinculação a uma determinada ordem ou a própria localização de um túmulo mais próximo ou mais distante do altar, marcava a posição social do defunto e de seus

familiares, as classes abastadas dedicaram-se à construção de faustosas obras tumulárias, estendendo aos cemitérios sua posição social, numa tentativa de monumentalização e sacralização eterna.

Barões de café e novos-ricos imigrantes; artistas, escritores e intelectuais; políticos e figuras públicas, médicos, juristas e professores; uma gama de grupos sociais povoa o Cemitério da Consolação. Desses túmulos, os pertencentes aos barões de café e aos imigrantes enriquecidos são os que mais se preocuparam com a representação da riqueza e da prosperidade adquiridos na época do café ou na fase da industrialização de São Paulo. Esses jazigos foram erguidos com o mesmo luxo e a mesma ostentação de seus casarões, construídos nas partes mais nobres da cidade, fazendo da última morada a extensão de onde se habitou em vida.

Como verdadeiras obras faraônicas, esses túmulos são também uma forma de homenagear a si próprio, seus feitos e esforços, sobretudo a riqueza construída. Livres dos olhos censuradores da Igreja, as abastadas e tradicionais famílias erigiram seus jazigos num espírito de suntuosidade e pompa tumulária, sob o pecado da vaidade e da soberbia. Essa atitude denotava tanto a perda do poder da Igreja e o controle exercido sobre seu rebanho, como o sentimento arreligioso da sociedade católica enriquecida.

Se os barões de café tinham ao seu favor os brasões e os sobrenomes tradicionais das famílias paulistas, podendo até ser um pouco parcimoniosos, com certeza os imigrantes, na maior parte de origem italiana e árabe, foram os que mais se esmeraram neste tipo de encomenda para firmar uma posição recém-adquirida, como afirma Ribeiro (1999).

O túmulo tornou-se assim não apenas a última morada, mas a perpetuação e a consagração da posição alcançada em vida. Longe de uma atitude de simplicidade e parcimônia que deveria caracterizar esse local e a manutenção de uma postura mais temerosa diante da morte, o que se privilegiou foi a consolidação do que se foi em vida mesmo após a

morte como forma de marcar a distinção social num lugar que recebia, ao mesmo tempo, de barões de café a ilustres desconhecidos. De lugar para sepultamentos para evitar a proliferação de doenças, os cemitérios da cidade, sobretudo o da Consolação, transformaram-se em local de luxo, riqueza, ostentação e poder.

Um passeio pelo cemitério da Consolação é um encontro com todas as mudanças ocorridas em São Paulo, valendo por uma boa aula de história. É possível, em poucas quadras, de jazigo em jazigo, ao longo das ruas e alamedas, visitar o Brasil-Império e diversas personalidades nobiliárquicas (como a Marquesa de Santos e o Barão de Itapetininga); assistir ao poder e ascensão da República do Café-com-leite (nas figuras dos presidentes Washington Luís e Prudente de Moraes); verificar o apogeu e a falência das famílias tradicionais (os Prado e os Álvares Penteado) e a mudança de poder e da riqueza para os imigrantes cujos nomes se ligam à industrialização de São Paulo (Matarazzo, Jafet, Calfat, Crespi), também ligados a um processo de apogeu e decadência; comprovar o enredo político representado no Movimento Tenentista e nas Revoluções de 1924 e 1932. Sem contar a ampla efervescência cultural que marcou a Belle Époque e os frementes anos 1920, com a Semana Modernista (com a trinca formada por Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, e o desafeto Monteiro Lobato), além do mecenato nas artes (Ciccilo Matarazzo, Yolanda e Olívia Guedes Penteado). A lista é extensa e diversificada, de uma riqueza histórica sem igual.

É ainda, no campo das artes, que os tradicionais cemitérios paulistas também surpreendem, revelando que além de seus muros estão não apenas mortos ilustres como também um rico acervo cultural, de um tipo de arte, chamado de arte tumulária ou arte tumular, arte cemiterial ou ainda arte funerária, cuja manifestação é predominante e típica do final do século XIX até aproximadamente meados da década de 1950.

Na mesma perspectiva de se distinguir na morte os diferentes tipos de sepultamentos, é que as famílias de prestígio contrataram e compraram as obras de artistas renomados e de

artesãos talentosos para decorar seus jazigos. Há uma grande variedade de obras artísticas, escultóricas e arquitetônicas que não se encontram reunidos num museu mas que, com certeza, enriqueceriam seu acervo e chamariam a atenção de qualquer visitante.

Os estilos artísticos são os mais variados e, como expressão de uma determinada época, transitam do art nouveau ao modernismo, com uma dose de ecletismo. Artistas consagrados, conhecidos e prestigiados, como Rodolpho Bernardelli, Galileo Emendabili, Victor Brecheret, Luigi Brizzolara e Bruno Giorgi, têm diversas obras espalhadas pelos Cemitérios da Consolação, do Araçá e São Paulo, assim como em outros espaços da cidade. Muitos viveram exclusivamente desse trabalho, como Eugênio Pratti, Armando Zago e Antelo Del Debbio; alguns scandalizaram a sociedade da época ao escolher o nu e a sensualidade como tema, caso de Leopoldo e Silva e Alfredo Olini; outros deixaram obras de autoria anônima. A origem italiana quase predominante dos sobrenomes não é mera coincidência, mas sim a decorrência de um oportuno encontro de artistas talentosos com a fortuna de uma elite paulistana ávida por ostentação.

Os temas são ricos e variados: capelas dos mais ricos estilos arquitetônicos; figuras sacras em expressão de dor e lamento, representando cenas da Pregação de Cristo, de seu Calvário, da Crucificação, da Descida da Cruz e da Ascensão; anjos com expressões plácidas, ingênuas, lânguidas ou enigmáticas; imagens profanas e mitológicas; símbolos pagãos e exóticos e claro, a representação da figura feminina. Transitando de inconsoladas Pietás em poses dramáticas às mulheres aladas ou anjos sem asas, do sofrimento à sensualidade, esculpidas em formas vistosas ou discretas, recatadas ou destacando-se os detalhes curvilíneos, cobertas ou nuas, do choro à contemplação, a presença feminina se faz notar.

Esse tipo de arte, que teve um grande período de auge e esplendor, está extinto, e como representação de uma época mantém-se como testemunho. Essa extinção é fruto tanto das mudanças sociais, políticas e econômicas que levaram a um progressivo abandono dessa

forma de sepultamento e de imortalização de poderosas famílias, como de uma nova concepção diante da morte que tem popularizado novas formas de inumação nos chamados cemitérios-jardins.

Apesar de sua incontestável importância, esse rico acervo artístico encontra-se, muitas vezes, em completo estado de abandono ou à mercê de atitudes de vandalismo, necessitando ser recuperada, preservada e divulgada. Atitudes como o tombamento do conjunto do Cemitério da Consolação, incluindo o Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo e o Cemitério dos Protestantes, realizado pelo CONDEPHAAT em 2004, pode auxiliar para evitar o desaparecimento desses espaços carregados de história e memória.

O lazer e o turismo nesses locais também são uma forma de contribuição para sua preservação. Embora tímida no Brasil, essa inserção dos cemitérios como atrativos turísticos começa a despontar, voluntária ou involuntariamente. O Cemitério do Morumbi, que se caracteriza por uma nova concepção paisagística, visando desvincular o local das idéias de dor e sofrimento para uma associação com paz e meditação, já atrai turistas interessados em conhecer certos túmulos, como o da cantora Elis Regina e o do piloto Ayrton Senna, cujo túmulo é visitado principalmente por turistas japoneses.

O Cemitério Vertical de Santos é outro exemplo desse interesse, seja por sua original concepção e porte, seja porque o espaço é utilizado também como local para eventos culturais de lazer, como concertos e exposições, tendo sido incluído como ponto turístico oficial da cidade.

No Rio de Janeiro e em São Paulo, as experiências para a exploração turística de cemitérios ainda “patinam” nas propostas, “derrapam” em sua consolidação e são “freadas” pelo descompasso das sucessivas administrações municipais. No Rio de Janeiro, existem propostas defendidas por museólogos para a exploração turística dos cemitérios, trabalhos autônomos realizados por guias interessados no assunto, como também uma proposta da

Prefeitura da cidade, desde o ano 2002, para realizar um levantamento do acervo histórico e artístico dos cemitérios, e que resultem na criação de roteiros turísticos específicos a esses locais.

Em São Paulo, a idéia para minorar o baixo aproveitamento turístico dos cemitérios tem passado por “altos e baixos” ao longo das últimas décadas. Desde 1980, esse interesse foi despertado, incentivado e sucessivamente abandonado. Na administração do prefeito Jânio Quadros foi criada uma comissão¹⁰ para a identificação de túmulos de interesse histórico e artístico nos três cemitérios, tendo sido catalogadas quinhentas obras de valor histórico e cento e trinta de valor artístico no Cemitério da Consolação e apenas os de valor artístico no Cemitério do Araçá (setenta) e no Cemitério São Paulo (cento e oitenta). O trabalho foi extinto e retomado em 2001, com a criação do Projeto Arte Tumular, com visitas guiadas e gratuitas para grupos previamente agendados, mas já em abandono.

Apesar de todas essas dificuldades apontadas, o número de visitantes no Cemitério da Consolação é de aproximadamente três mil pessoas por ano¹¹, entre visitas livres e de estudantes. Esse número não é nada que se compare aos três milhões do parisiense Père-Lachaise, mas que demonstra que o preconceito pode ser superado em favor da exploração de seu potencial de lazer artístico e turístico.

Para isso também contribuem a inclusão da visita aos cemitérios nos roteiros de guias turísticos da cidade, bem como os diversos artigos publicados em jornais e revistas¹² de grande circulação ou voltados para públicos específicos, que já não se limitam a vincular a visita ao Dia de Finados. Da mesma forma, nos espaços acadêmicos têm surgido

¹⁰ Desta Comissão fez parte o administrador do Cemitério da Consolação, Délio Freire, que, interessado pelo rico acervo histórico e artístico, foi o maior responsável pela catalogação dos jazigos.

¹¹ De acordo com a Assessoria de Imprensa do Serviço Funerário do Município de São Paulo.

¹² Esses artigos, veiculados principalmente pela Revista Veja, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo preocupam-se em apresentar uma imagem bastante positiva, destacando a riqueza do acervo, como também problemas relacionados ao abandono e depredação das obras. Muitos artigos apontam a potencialidade turística, daí esses temas circularem nos Cadernos de Turismo.

monografias¹³, dissertações e teses¹⁴ nas áreas de História, Arte, Arquitetura e Turismo, evidenciando a riqueza e a diversidade de enfoques por meio dos quais os cemitérios, acervo documental de uma cidade, podem ser explorados.

Portanto, os cemitérios apresentam um potencial de exploração que ultrapassam os muros que os têm isolado da cidade. Do ponto de vista do lazer e do turismo, reúnem história, arte, curiosidades, compondo um cenário que nos permite considerá-los como um verdadeiro museu a céu aberto. Há uma necessidade premente de exploração artística e turística desse espaço, tão inserido no crescimento e contexto de São Paulo.

Nessa oportuna vinculação entre cemitérios, arte, história e lazer é que se possibilitará a criação de um novo olhar para a cidade, bem como para espaços inusitados do ponto de vista turístico. Sobretudo levará à superação de preconceitos e tabus, medos e temores que insistem em rondar nosso imaginário ao pronunciarmos a palavra cemitério, ainda mais se vincularmos a essa atividade sensações que, se não for de prazer, poderá ser de saciar a curiosidade.

Sendo assim, é possível desmistificar a concepção que visitar cemitérios é uma idéia mórbida e lúgubre, apresentando aos seus visitantes um novo olhar, diferente da imagem de tristeza e de medo que insistem em rondar esse local. Se visitar cemitérios é visto como algo exótico, “programa de outro mundo”, como explicar então o interesse pela visitação de monumentos como o Taj Mahal (na Índia), as Pirâmides de Gizeh e o Vale dos Reis (no Egito), as Catacumbas Romanas e as criptas de Igrejas Medievais, os Mausoléus de Napoleão (em Paris) e o Mausoléu de Lênin (em Moscou)? Antes de se constituírem em atrativos

¹³ Nos cursos de Tecnologia em Turismo do Centro Universitário SENAC, a Prof. Samira teve a oportunidade de orientar dois Trabalhos de Conclusão de Curso. São eles: SOARES, Adriana Nakanishi. *A última morada: um museu a céu aberto*. Senac, SP, 2003, e SOUZA, Roberta; OLIVEIRA, Soely. *Necrópole: cidade dos mortos, visita dos vivos*. Senac, SP, 2004.

¹⁴ Além do trabalho já cita de Josefina Eloína Ribeiro, destacamos as seguintes produções: CAMARGO, Luís Soares de. *Sepultamentos na cidade de São Paulo (1880-1890)*. Dissertação de Mestrado. SP, PUC, 1995; CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas*. Dissertação de Mestrado. FAU, USP, 2001.

turísticos de projeção mundial, estes locais foram antes de tudo concebidos como sepulturas para eternizar a memória dos ali enterrados.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Contos de Aprendiz*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.
- _____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CAMARGO, Luís Soares de. *Sepultamentos na cidade de São Paulo (1880-1890)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1995.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU/USP, 2001.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Do amor e outros demônios*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista de Pesquisa Histórica*. São Paulo, 1993.
- REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- RIBEIRO, Josefina Eloína. *Escultores Italianos e sua Contribuição à Arte Tumular Paulistana*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH /USP, 1999.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do Baile Verde*. São Paulo: Rocco, 1998.

Endereço das Autoras:

Samira Adel Osman
Rua Mestras Pias Filippini, n. 342 – Freguesia do Ó
São Paulo – SP – 02736-010
Endereço Eletrônico: samira.aosman@sp.senac.br

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
Rua Felipe Camarão, n. 171/14 – Tatuapé
São Paulo – SP – 03065-000
Endereço Eletrônico: oliribeiro@uol.com.br